



NARRATIVAS VISUAIS DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ: OS MUSEUS DE IMIGRAÇÃO COMO ESPAÇOS DE (RE)PRODUÇÃO DE MEMÓRIA E DE IDENTIDADE ÉTNICA

DANIEL LUCIANO GEVEHR*

A pesquisa investiga os museus de história da imigração alemã no Vale dos Sinos (RS) a partir das narrativas produzidas – através de sua expografia – e difundidas nesses espaços públicos de visitação. Nesse caso, atentamos especialmente para o processo que envolve a produção das *narrativas visuais* (BURKE, 2004) – compreendendo que cada imagem busca contar uma história a partir de seu contexto de produção – presentes nesses *espaços museológicos* que por sua vez, difundem representações sobre a história da imigração alemã na região, a partir de recortes e seleções, presentes em seus acervos.

Privilegiamos a leitura crítica dos *museus* (POULOT, 2013), buscando compreender os diferentes mecanismos utilizados na criação das diferentes ambiências (MENESES, 2013), bem como a criação de imagens e representações que procuram retratar uma determinada história sobre os imigrantes alemães, que chegaram à região a partir de 1824. Nesse sentido, a análise crítica que propomos, se baseia na discussão sobre os elementos simbólicos presentes nesses lugares de memória da imigração, relacionando-os com os conceitos de *representação, de patrimônio cultural e de identidade étnica*.

A relação existente entre esses elementos é o que norteia a pesquisa sobre os museus. Ressaltamos que a pesquisa aqui apresentada tem como recorte espacial três museus localizados nos municípios de *Nova Hartz, Picada Café e Sapiranga*, ambos de origem germânica na região do Vale dos Sinos (RS). A seleção desses três espaços se justifica, uma vez que ambos representam parte do acervo que busca representar a presença da imigração alemã na região e que dessa forma, guardam elementos simbólicos que carregam e perpetuam uma determinada memória do grupo étnico.

A preocupação com a exaltação e a afirmação dos elementos culturais associados à identidade étnica germânica é discutida na pesquisa, na medida em que esses traços identitários se tornam evidentes nas representações construídas e difundidas nos museus, seja através da (re)criação de cenários ou até mesmo através de coleções de diferentes tipos presentes nas exposições permanentes. A pesquisa pretende ainda discutir, em que medida, esses museus da imigração alemã contribuem para a (re) produção da *memória* (LE GOFF,

* Doutor em História e professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT) e do Instituto Superior de Educação Ivoti (ISEI). A pesquisa conta com participação das mestrandas do PPGDR, Aline Nandi (Bolsista/Capes) e Gabriela Dilly (Bolsista/Capes).

2003) da imigração na região, uma vez que esses museus são compreendidos como lugares de perpetuação e ressignificação da memória e, também, de afirmação de identidades das comunidades locais (municipais) diretamente ligadas à esses espaços museológicos.

Através da investigação realizada nesses lugares de memória – que nesse caso se constituem em nosso recorte espacial – pretendemos discutir os elementos simbólicos presentes nesses espaços, que buscam materializar, através de sua expografia, uma determinada história da imigração alemã na região. Essa, por sua vez, nos revela *escolhas e enquadramentos da memória* (POLLACK, 1989), ao mesmo tempo em que define aquilo que deve ser mostrado e guardado para a exposição pública.

Partimos nossa investigação sobre os museus de imigração alemã da noção de que *as produções simbólicas* – que em nosso caso estão presentes nos espaços museológicos – devem suas propriedades mais específicas às condições sociais em que são produzidas (BOURDIEU, 2001). Nesse caso específico, os museus são compreendidos na pesquisa como manifestações simbólicas, que falam de forma direta sobre o lugar e sobre os grupos sociais responsáveis pela sua produção, num processo de *lutas simbólicas* (CHARTIER, 2002), no qual a imposição de determinadas *representações sobre o passado* (BOURDIEU, 2001) sofrem – necessariamente – *a seleção* daquilo que deve ser preservado e representado nos espaços sociais, e que passam a representar parte do passado.

É bastante válido o fato de que as *representações sociais* (JODELET, 2001) expressam sentimentos e ideologias presentes nos grupos que as forjam e definem ainda os objetos eleitos para representa-los. Por sua vez, estas definições partilhadas – *e que nesse caso se materializam nos espaços museológicos das suas comunidades* – constroem uma visão pretensamente consensual da realidade. Buscando realizar uma leitura crítica desses espaços, atentamos ainda para Chartier (2002), que se refere às inúmeras possibilidades de *leitura de um símbolo*, afirmando que este nunca é “lido” de uma única maneira. Segundo Chartier, existem diferentes formas de interpretação de um símbolo, sendo que sua leitura está diretamente vinculada ao contexto no qual o observador está inserido, bem como ao olhar que este lança sobre o objeto em questão.

Compreendemos ainda os museus de imigração como lugares de memória, na acepção de Pierre Nora (1993: 21), para quem “são lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos.” Para Nora, a “*memória pendura-se em lugares como a história em acontecimentos*” (Ibidem: 25),

logo os lugares de memória – como são os museus de imigração alemã – além de serem socialmente construídos, consistem-se em mecanismos de *perpetuação da memória* (HALBWACHS, 2004).

Halbwachs (2004) mostra-nos como os lugares desempenham um papel fundamental na construção da *memória coletiva*. Para ele, os lugares que percorremos nos fazem lembrar de fatos ocorridos no passado e, assim, contribuem para a construção da memória, evocando o passado. Quando uma comunidade elege seus *lugares de memória*, como a construção de um museu e a seleção das peças que o compõe, com forte presença de elementos étnicos – que passam a representá-la – pode-se perceber os condicionantes que estão envolvidos.

Já para Michel Pollack (1989), os lugares de memória somente se constituem em espaço de preservação de uma memória se assim a comunidade os reconhece. Soma-se a isso a constatação de que, no caso dos museus de imigração, a criação desses lugares se associa diretamente ao período em que essas comunidades passam por transformações, como a chegada de migrantes de outras regiões do Rio Grande do Sul e o fenômeno da industrialização, impulsionado na região a partir da década de 1970. Dessa forma, esses museus constituíram-se enquanto espaços de salvaguarda de uma memória imigrante que não se queria “perder no tempo.” Nessa relação de forças, *o imaginário* (BACZKO: s/d) tem como um de seus pontos de referência – e de lembrança – *os lugares de memória*, na expressão de Pierre Nora, para quem “a memória pendura-se em lugares assim como a história em acontecimentos” (1993: 25).

Já sobre a questão que envolve a *lembrança*, Le Goff (2003: 419) aponta para o fato de que a memória requer um exercício constante de atualização – processo que envolve diretamente a criação e manipulação dos espaços e dos objetos que constituem os museus da imigração na região. Dessa forma, as exposições presentes nesses lugares de memória contribuem para a *manutenção e atualização* de uma memória sobre o próprio grupo que a produziu e a preserva.

Atentamos ainda para a relação existente entre esses conceitos – que fundamentam nossa compreensão sobre os museus de imigração – e as discussões sobre *identidade*, compreendida nesse estudo como “uma construção social, de certa maneira sempre acontecendo no quadro de uma relação dialógica com o Outro” (CANDAUI, 2012: 09). Para o antropólogo a memória – *elemento indispensável da construção da identidade de uma comunidade* – é “uma construção continuamente atualizada do passado, mais do que uma

construção fiel do mesmo” (Ibidem, p.09). Assim, a criação e organização de um museu de história, são entendidas como um fenômeno social, no qual o passado da comunidade é redefinido, de acordo com os interesses do presente, que nesse caso, nos parece estar diretamente associado à preocupação com a preservação dos traços identitários, que nesse caso, nos remetem a pensar nas questões da etnicidade – elemento que aparece como traço identitário fundamental nos museus dessas comunidades.

Percebemos que o patrimônio – e em nosso caso mais particular, o museu – funciona como um “aparelho ideológico da memória” (CANDAU, 2012: 158). Isso se explica em virtude do patrimônio da comunidade ser compreendido como um verdadeiro *transmissor da memória* do grupo, agregando valores, ideologias e formas de pensar, além é claro, de representar o passado dessa comunidade, que agora se encontra patrimonializado através das exposições produzidas nos museus. Sobre essa questão que envolve o patrimônio e sua produção, Candau afirma ainda que “a história do patrimônio é a história da construção do sentido de identidade e, mais particularmente, aquela dos imaginários de autenticidade que inspiram as políticas patrimoniais” (Ibidem: 159). A lembrança dos tempos da Colônia e dos primeiros imigrantes alemães parece servir, nesse contexto, de *suporte da memória*, para se mostrar o quanto se prosperou e o quanto as comunidades de origem germânica prosperaram.

Buscando melhor fundamentar nossa análise, buscamos discutir os sistemas classificatórios que envolvem a produção dessas identidades, que em nosso caso apontam para necessidade de reafirmação da *germanidade* – compreendida como uma categoria que remete a identidade étnica compartilhada pela comunidade, que os remete a “lembrar e perpetuar” o passado imigrante. Sobre essa questão Giralda Seyferth (2011) se refere ao *Deutschtum*, que para ela expressa a *germanidade*, que seria uma espécie de laço identitário, que une os imigrantes e seus descendentes através da *eticidade*.

Katryn Woodward nos ajuda a entender essa questão, afirmando que as identidades são fabricadas através de um processo que envolve a *marcação das diferenças* (2014), que segundo ela ocorre através de *sistemas simbólicos de representação*. Segundo a autora, a identidade depende diretamente da diferença, na medida em que, a diferença simbólica ou social, se estabelece por meio de sistemas classificatórios, onde se definem aquilo *que é nosso ou dos outros*, ou entre aquilo que *queremos mostrar e aquilo que queremos esconder*.

É fundamental, em nossa análise, considerar os espaços museológicos enquanto um elemento de grande importância para a o Patrimônio Cultural da imigração alemã no sul do

Brasil. A criação e atualização desses espaços – portadores de uma historicidade particular e inseridos, cada um deles, no contexto de produção de suas comunidades – pode ser compreendido como uma necessidade do próprio grupo, responsável por sua criação, na medida em que esse mesmo grupo procura “se fazer” representar nesses lugares de memória.

Nessa perspectiva, podemos conceituar o *Patrimônio Cultural* como um conjunto de bens de natureza material e imaterial que, por sua vez, são considerados coletivos e preservados durante o tempo (MAIA, 2003). Há de se considerar também que o Patrimônio cultural comporta, ainda, os diferentes costumes de viver de um povo, transmitidos de geração a geração e recebidos por tradição. Esses, para se tornarem um Patrimônio, precisam ser reconhecidos e compartilhados pela comunidade que os produzem – fenômeno que se torna evidente no processo de criação e eleição daquilo que irá constituir os museus da imigração alemã na região do Vale dos Sinos.

Também Choay (2006: 11), apresenta uma clara definição sobre o patrimônio, que pode ser compreendido como “um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum”. Desta forma, podemos considerar o patrimônio cultural como fruto da identidade de uma comunidade. Este representa, em última análise, aquilo que deve ser preservado, ou seja, o que não deve ser esquecido, ainda que, na maioria das vezes, atendendo aos interesses de determinados grupos que o manipula.

O *museu* – compreendido como expressão do patrimônio – engloba, ainda, *saberes, lugares e modos de fazer*, que comunicam algo sobre a identidade de quem as produz, e que por sua, vez, são transmitidos através das gerações. Decorre daí que os hábitos e as tradições de uma comunidade nos dizem e revelam parte da sua cultura. Ainda, para Veloso (2006), o conceito de referência cultural ressalta o processo de produção e reprodução de um determinado grupo social e aponta para a existência de um *universo simbólico* compartilhado.

Consideramos fundamental em nossa análise sobre os espaços museológicos, que “a questão da memória, da busca identitária e da apreensão do passado como patrimônio memorialístico apresenta-se como uma rica fronteira entre a História e o Turismo” (MENESES, 2004:15). Assim “a construção/invenção do passado como atrativo para quem viaja, parte de interpretações que são instrumentalmente inseridas no método da História, mas, também, por construções de caráter popular, lendário e mitológico” (Ibidem:15)

Devemos considerar ainda que, de acordo com Meneses (2004:75) o museu é um lugar que toma como base três valores indissociáveis: O valor identitário, que considera o patrimônio como gerador constante de construção de imagens, significados e identidades; o valor econômico, que toma o patrimônio como gerador de oportunidades econômicas; e o valor social, que defende que os projetos interpretativos devem gerar a melhoria da qualidade de vida da comunidade que administra esse patrimônio.

Percebemos que os museus de imigração alemã, encontrados nessa região, se articulam diretamente como espaços de potencialidade turística. Esse elemento faz com que os *museus* – compreendidos como parte de seu Patrimônio Cultural – sejam percebidos pelas próprias comunidades como *espaços de desenvolvimento local e regional* (VARINE, 2013), na medida em que podem atrair visitantes de diversos lugares, contribuindo com isso para a promoção do desenvolvimento econômico dos municípios. Ao mesmo tempo, esses lugares de memória da comunidade são espaço de preservação de sua identidade e também espaços em potencial para “se mostrar” parte das tradições herdadas dos imigrantes alemães que colonizaram a região e que são, em grande parte, ainda compreendidos como uma espécie de guia das suas ações no presente. Nessa perspectiva, observa-se que as *tradições* (HOBSBAWN, 2008) herdadas dos imigrantes alemães fazem parte do cotidiano dessas comunidades.

Esses elementos podem ser percebidos na medida em que encontramos uma forte preocupação em manter viva a fala da língua alemã, através do *Hunsrik*, que é praticado cotidianamente e da preservação de diferentes *usos e costumes* (THOMPSON, 2013), como as comidas, as músicas, a religiosidade e as festas, deixados pelos alemães que fundaram as comunidades no século XIX. Dessa forma, a preocupação com a manutenção dos elementos étnicos, ligados à herança germânica na região, aparece como um elemento identitário que dá sentido e perpetua, através das gerações, o sentimento de pertencimento ao grupo étnico que deu origem às comunidades.

Os museus, que acabam muitas vezes, *espetacularizando* (LLOSA, 2013), através de sua expografia, uma narrativa sobre a imigração alemã no sul do Brasil, atuam como difusores de uma representação/imagem sobre esse imigrante, que permite a (re)atualização da memória através da manipulação do imaginário, que por sua vez, contribui de forma decisiva na manutenção dos traços identitários atribuídos aos imigrantes alemães e seus descendentes.

As narrativas visuais nos museus: os casos de Nova Hartz, Picada Café e Sapiiranga

Selecionamos para análise três museus que fazem parte de nossa investigação. Decidimos por tal recorte, uma vez que se tornaria impossível percorrer, considerando as especificidades de cada espaço, todos os museus elencados na proposta de nossa pesquisa, que amplia essa discussão para outros lugares de memória na região. Partimos da definição proposta por Gonçalves (2009), para quem o *museu-narrativa* se constitui em um espaço de exposição, inserido em um espaço urbano, mas no qual a relação com o público ainda guarda marcas bastante pessoais. Esse é precisamente o caso dos museus de imigração que estamos analisando e nos quais observamos, de forma bastante evidente, uma relação muito próxima entre esses lugares de memória e a comunidade que o produz e o mantém vivo. Nessa relação interpessoal, “por meio da qual se dá o fluxo de trocas entre doadores e diretores de museus” (GONÇALVES, 2009: 178) é que ocorre a definição daquilo que será exposto e que, constituirá parte do material de expografia presente no museu.

É nesse contexto que iremos acompanhar o processo que o autor denomina como “invenção do patrimônio” (Ibidem: 179). De acordo com ele essa “invenção” – que consiste na seleção e organização – das exposições do museu, “vem acompanhada de valores, como autonomia e liberdade, assumidos por sujeitos individuais ou coletivos” (Ibidem: 179). A partir disso é que analisamos os três museus mencionados, que conforme veremos, apresentam características muito semelhantes quanto aos seus objetivos e forma de organização e seleção de sua expografia.

O primeiro é o Museu Municipal de Nova Hartz, criado pela Prefeitura Municipal em 1999, e que está localizado na área central do município e ocupa uma antiga residência, localizada na atual praça central da área urbana. Organizado a partir de diferentes ambientes, que respeitam a divisão original da casa, o museu apresenta um rico acervo, constituído de móveis, objetos e fotografias, que procuram evidenciar a presença dos imigrantes alemães na localidade. Dessa forma, o museu se apresenta como um espaço de memória da imigração e tem como tema principal do seu acervo a imigração e a colonização alemã em Nova Hartz.

Na parte central do museu encontramos diversos objetos que evidenciam o estilo de vida dos primeiros moradores, através dos móveis e utensílios domésticos que eram utilizados desde o século XIX até meados do século XX, quando o desenvolvimento da indústria calçadista no município transformou radicalmente o estilo de vida de seus moradores. Com

isso, podemos observar – como no exemplo na imagem abaixo – a mistura de elementos de diferentes épocas na expografia do museu, que contam a trajetória de transformação da comunidade, através dos objetos.

Notamos na constituição desse ambiente a preocupação em mostrar o ambiente da casa, que é constituído basicamente da cozinha – lugar de preparação dos alimentos, mas também o principal espaço social da casa – no qual as pessoas se reuniam para realizar as mais diferentes atividades e celebrar seus usos e costumes cotidianos, que não se revela apenas através dos móveis e objetos, mas também da produção de bordados, feitos à mão e que contém dizeres, que revelam valores familiares compartilhados.



IMAGEM 1 – ACERVO DO AUTOR

A associação de diversos elementos culturais aparece na imagem acima, na qual utensílios domésticos aparecem em associação com uma cuia de chimarrão – um elemento típico da cultura gaúcha que foi assimilado pelos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul – e outros objetos do uso cotidiano da comunidade nos tempos que antecederam a chegada da energia elétrica e a modernização imposta pelo espaço urbano que se organizava a partir da década de 1950 em Nova Hartz.

Nesse mesmo contexto, o pano de parede bordado à mão, aparece como um artefato que demonstra o trabalho doméstico desempenhado pelas mulheres, que além das atividades cotidianas, encontravam tempo para bordar e cuidar da ornamentação da casa. Aliás, o cuidado com a limpeza e a organização da casa é um dos aspectos bastante evidenciado através do museu, que procura imprimir a ideia de organização e cuidado com a casa como atividades diretamente ligadas ao gênero feminino.

Outro elemento de destaque no museu é a exposição de fotografias e documentos ligados às atividades educacionais, festivas e religiosas da comunidade. Na imagem apresentada acima, observamos parte da história da comunidade, que se revela aos visitantes

através de poses em atos cívicos, em atividades nas escolas e até mesmo na exposição do certificado de Ensino Confirmatório de um membro da Igreja Evangélica de Confissão Luterana (IECLB).

Este aspecto, de caráter religioso, associado ao luteranismo – que naturalmente coexistia com o catolicismo romano – é um elemento de forte vinculação à etnicidade que constitui a comunidade, visto que a prática religiosa ligada à igreja luterana alemã é um traço identitário que distingue essa comunidade, nas quais a germanidade não se fazia presente.

Vale ressaltar que o museu, a partir de sua organização, procura demonstrar a preocupação dos imigrantes alemães e seus descendentes quanto à preservação dos valores identitários, que têm a *família, o trabalho e a religiosidade* como fundamentos que orientam as condutas e as ações coletivas da comunidade.



IMAGEM 2 – ACERVO DO AUTOR

Como podemos observar na imagem abaixo, o *trabalho*, representado através dos instrumentos, cuidadosamente organizados na exposição, busca valorizar as atividades desempenhadas na comunidade e que dessa forma dão destaque para a evolução do trabalho ao longo do tempo. Exemplo disso são as ferramentas utilizadas nas atividades agropastoris, que associam o passado desses imigrantes ao espaço rural. No mesmo ambiente, são apresentadas as novas tecnologias que surgiram ao longo do século XX, como as máquinas de calçado, as balanças e o primeiro computador que chegou ao município, na década de 1980.



IMAGEM 3 – ACERVO DO AUTOR

A mistura de objetos que representam as atividades econômicas desenvolvidas, em diferentes épocas e contextos, pode ser compreendida como uma tentativa de mostrar aos visitantes o progresso alcançado pelos seus moradores. As diferenças evidenciadas entre a chegada dos primeiros imigrantes e o tempo mais recente se apresentam como um forte elemento de valorização da coletividade, que através do trabalho e da preservação da cultura trazida pelos imigrantes alcançaram o desenvolvimento do município.

Já no caso de Picada Café, temos o Parque Histórico Municipal Jorge Kuhn, situado à margem da BR116. Nele encontramos um conjunto arquitetônico constituído por um antigo moinho, o açougue e a venda e residência da Família Kuhn. No complexo do parque – *constituído de três edificações e que conjuntamente são compreendidas como um único lugar de memória da comunidade* – se torna evidente a tentativa de se criar um lugar de memória que guarda – materialmente – uma memória da imigração alemã no município.



IMAGEM 4 – ACERVO DO AUTOR

O prédio principal, que deu origem ao complexo que hoje constitui o Parque, foi construído na década de 1880, por Christian Kuhn, imigrante alemão que comprou as terras que atualmente compõem o parque. Inicialmente, o prédio em estilo enxaimel, abrigava uma pequena *casa de oração* da comunidade evangélico-luterana (IECLB) e logo em seguida passou por ampliação e abrigou uma *casa comercial e de moradia* – visto que a propriedade localizava-se às margens da antiga estrada de pedra, que margeia a atual BR116 e que era caminho de passagem dos antigos tropeiros que circulavam pela região, que ali paravam para se alimentar – daí a origem da denominação Picada Café. No prédio, que atualmente abriga o museu do parque, podemos visitar a venda colonial e a casa do imigrante, que deu origem ao lugar. Um detalhe que chama a atenção é o fato de que o casal Kuhn, responsável pela

construção, está enterrado de baixo da casa, onde encontramos inclusive a lápide com seus nomes e data de nascimento e falecimento.

Ao lado do museu, temos acesso ao *antigo moinho*, também de propriedade da Família Huhn. O moinho foi construído pelo imigrante alemão Christian Huhn em 1928 e produzia farinha de milho e centeio, além de óleo de amendoim e descasque de arroz. O moinho conta com uma roda d'água de 5 metros de diâmetro que é movimentada a partir da canalização da água proveniente do Arroio das Pedras, que fica cerca de um quilômetro acima do moinho.



IMAGEM 5 – ACERVO DO AUTOR

Em 2007 a propriedade foi adquirida pela prefeitura municipal e com a ajuda de recursos vindos da Alemanha foi recuperado e *musealizado*. Desde então o lugar foi aberto para a visitação do público.

Na parte superior do parque e protegido por um muro de pedra construído manualmente no final do século XIX, encontramos o antigo Açougue Progresso, que atualmente é conhecido como *museu do açougue*, cujas atividades iniciaram em uma edificação de madeira na década de 1890. A atual edificação, cuja imagem é apresentada abaixo, foi construída em 1941, pelo filho do imigrante, Jorge Kuhn. O açougue encerrou suas atividades em 1970 e atualmente encontramos nesse espaço a preservação do mobiliário e das ferramentas de trabalho que eram utilizadas cotidianamente.



IMAGEM 6 – ACERVO DO AUTOR

O parque abriga atualmente *a casa comercial, o moinho e o açougue*, além de espaços de lazer e um palco coberto de apresentações e desempenha papel importante como lugar de memória da comunidade, uma vez que seu processo de criação envolveu um significativo trabalho de educação patrimonial, promovido pela municipalidade em parceria com a comunidade.

O terceiro lugar de memória que investigamos é o Museu Municipal Adolfo Evaldo Lindenmeyer – que presta homenagem ao ex-vereador da cidade e também descendente de alemães – que está localizado na área central de Saporanga, no prédio da antiga estação férrea, conhecida como “Estação Saporanga”, desativada em 1964. O museu foi criado pela Prefeitura Municipal em 1996 e tem como tema principal de seu acervo a imigração e a colonização alemã no município.

Os ambientes do museu são constituídos por diferentes temáticas, que se dividem entre a casa do imigrante, a venda colonial e a evolução da economia no município. Além disso, o museu conta com uma pequena exposição de obras que retratam o episódio dos Mucker – único movimento messiânico ocorrido no Brasil em ambiente protestante e que foi liderado por uma mulher, Jacobina Mentz Maurer.



IMAGEM 7
ACERVO DO AUTOR

Assim, logo na entrada do museu, nos deparamos com a venda colonial que existiu na localidade, desde o século XIX e funcionava em uma edificação em estilo enxaimel. A venda, cuja imagem podemos observar acima, conta com diferentes objetos, que procuram contar parte da história da comunidade, em especial a economia de trocas de produtos, amplamente conhecida em toda região colonial alemã do Rio Grande do Sul.

Já a casa do imigrante, como podemos observar na imagem abaixo, é representada pela cozinha e pelo quarto do casal, que mostram parte do mobiliário e dos objetos de uso cotidiano desses imigrantes – retratando a evolução dos objetos ao longo do tempo – constituindo um conjunto de artefatos de diferentes épocas e contextos da história de Sapiroanga.

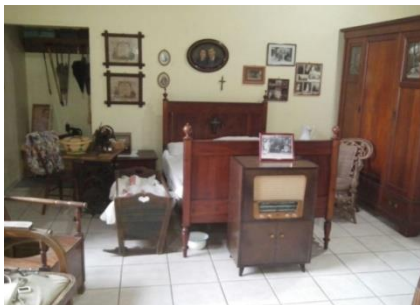


IMAGEM 8
ACERVO DO AUTOR

A mesa da cozinha e o banco onde todos se sentavam para fazer as refeições coletivamente, os utensílios domésticos, os panos de parede com dizeres em alemão – e de grande apelo religioso – e o mobiliário que constituía o quarto do casal são exemplos do patrimônio cultural da comunidade. Esses, por sua vez, remetem os visitantes, a lembrarem do tempo dos imigrantes alemães e de suas dificuldades frente ao novo ambiente da América.



IMAGEM 9
ACERVO DO AUTOR

Além disso, objetos como formas para confecção de bolachas, doces em compotas, moedor de café e outros vários utensílios do cotidiano são colocados em relevo na exposição da casa, que demonstra também a preocupação com a organização das tarefas e a limpeza com o espaço da casa, que cabia principalmente à mulher. Nesse sentido, se percebe a vinculação do espaço doméstico da casa a presença da mulher, que além de cuidar da família, de ajudar

seu marido nas atividades do campo, cuidava muito bem da casa – como uma forma de representação dos *usos e costumes* dessa germanidade.

Assim como dos demais casos analisados, em Sapiranga aparece mais uma vez a preocupação com a representação do trabalho, que é apresentado ao visitante através da exposição que mostra a evolução do trabalho, desde os tempos da Colônia até o apogeu do calçado – elemento de destaque na evolução econômica do município e que se constitui a principal atividade econômica desenvolvida atualmente.



IMAGEM 10

Fonte: <http://www2.turismo.rs.gov.br/portal/index.php?q=galeria&cid=372&g=19>

Como percebemos acima, na área externa do museu, encontramos uma réplica da estrada de ferro, inaugurada em 1903 e que ligava Sapiranga a Porto Alegre. A presença da estrada de ferro é compreendida pela comunidade como uma forma de representar o desenvolvimento econômico da localidade no final do século XIX, logo após o desfecho do conflito do Mucker, que encerrou em 1868, com a vitória das forças imperiais sobre o grupo liderado por Jacobina nas imediações do morro Ferrabraz. Os trilhos do trem simbolizam, nesse contexto, o progresso alcançado pelos alemães e seus descendentes.

Considerações (não) finais

Percorrer os caminhos que compõe a produção das narrativas visuais em museus da imigração alemã nos faz pensar sobre a complexidade que envolve a manipulação da memória e sobre os diferentes elementos que estão envolvidos nesse jogo de poder, que procura estabelecer uma representação sobre o passado. A análise desses três lugares de memória da imigração no Vale dos Sinos nos permitiu melhor compreender sobre os processos que operam nessa tentativa de registro do passado.

Torna-se clara a intenção, por parte daqueles que produziram esses lugares de memória, de imprimir, através do tempo, uma memória, que faz lembrar *a rusticidade desse passado imigrante* em suas comunidades. A lembrança dos tempos difíceis – que marcaram os primórdios da imigração alemã – e a valorização de elementos simbólicos, materializados através dos objetos dos museus, ligados à família, ao trabalho, à religiosidade e a busca do ideal de prosperidade, se mostraram evidentes nas narrativas analisadas.

Os museus, enquanto lugares que suportam essas lembranças e difundem essas imagens são, sem dúvida, um excelente espaço de discussão acerca dos interesses e motivações que levam essas comunidades a buscarem, incessantemente, *(re)enquadramentos de suas memórias*.

Referências

- BACZKO, B. Imaginação social. In: **Enciclopedia Einaudi** (Anthropos-Homem). Portugal: Imprensa nacional/Casa da Moeda, s/d. v.5. p. 309-310.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand. 2001.
- BURKE, P. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHARTIER, R. **À beira da falésia**. A história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- CHOAY, F. **A Alegoria do Patrimônio**. 3 ed. São Paulo: Unesp, 2006.
- GONÇALVES, J. Os museus e a cidade. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (org). **Memória e Patrimônio**. Ensaios Contemporâneos. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 171-186.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- HOBSBAWN, E. “Introdução: a invenção das tradições” in: HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 09-23.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- Le GOFF, J. **História e memória**. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.
- LLOSA, M. V. **A civilização do espetáculo**. Uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MENESES, U. T. B. de. A Exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, B. G.; VIDAL, D. G. **Museus**. Dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna. 2 ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p.15-88.

MENESES, J. N. C. **História e Turismo Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NORA, P. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto história**. São Paulo, n. 10, dez. 1993. [Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História PUCSP].

POLLACK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

POULOT, D. **Museu e Museologia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

POUTIGNAT, P; STREITFF-FENART, J. **Teorias da Etnicidade seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Frederik Barth**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

SEYFERTH, G. A dimensão cultural da imigração. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 26, n. 77. p. 47-62, 2011.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Estudos sobre cultura popular e tradicional. São Paulo: Cia. Das Letras, 2013.

VARINE, H. de. **As raízes do futuro**. O patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

VELOSO, M. O Fetiche do Patrimônio. **Habitus**. Goiânia, v.4, n.1, jan./jun. p.437-454, 2006.
WOODWAR, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 07-72.